

COP30 vai ‘casar’ combate à crise do clima com economia¹

Ana Toni²

Se a COP30 não tem um tópico sexy a resolver, tem mais de 20 que podem ter resultados importantes -incluir o recorte de gênero nas decisões, criar um mecanismo que ajude os países em sua transição justa, definir indicadores para medir a adaptação climática em saúde, infraestrutura, erradicação da pobreza. São decisões que dependem do consenso de 190 países. Mas a um mês da conferência, Ana Toni, sua diretora-executiva, enxerga uma vertente que pode dar à COP30 sua face histórica: “Nossa COP está trazendo como grande entrega o casamento da economia com o combate à crise do clima”.

Ela dá exemplos: o relatório dos presidentes da COP30 e da COP29 sobre o caminho para o mundo conseguir US\$ 1,3 trilhão ao ano em 2035 para descarbonizar as economias, o Fundo Florestas Tropicais que o Brasil e outros pretendem colocar de pé, o esforço para que o regime climático do Acordo de Paris transborde e chegue ao planejamento dos bancos nacionais de desenvolvimento, dos multilaterais, dos ministérios das Finanças e Planejamento.

A economista, que chama o Acordo de Paris e seus mecanismos de “engenhoca”, diz que um mundo em turbulência é o momento em que as instituições mostram sua força -no caso, o que faz o Acordo de Paris andar, apesar de tudo. A seguir os principais pontos da entrevista ao **Valor**:

Sem tema sexy São mais de cem temas de negociação na COP30. Existem mais de 20 temas significativos que serão debatidos e entregues. Nenhum deles é “o” tema sexy, como foi financiamento na COP de Baku, por exemplo. Mas são importantes: transparência, gênero, adaptação, transição justa, o balanço global. Esperamos entregar vários.

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/brasil/cop30-amazonia/noticia/2025/10/10/cop30-vai-casar-combate-a-crise-do-clima-com-economia-diz-ana-toni.ghtml> Acessado em 10.10.2025

² Diretora-geral da COP30

Entregas da COP30

Há tópicos mais avançados nas negociações e que podem sair em Belém

Negociação



Programa Aperfeiçoado do Trabalho de Lima sobre Gênero

O objetivo é acelerar a implementação de soluções climáticas e políticas públicas com foco de gênero



Transição Justa

Uma decisão ou menção política que diga o que é transição justa e talvez um mecanismo que ajude os países a criarem políticas públicas neste campo



Indicadores Globais de Adaptação

Definir 100 indicadores que medirão avanços na adaptação em saúde, infraestrutura, saneamento, produção de alimentos, etc



Balanço Global (GST)

Diálogo sobre as decisões tomadas em 2023, em Dubai, como a de triplicar fontes renováveis. Está em discussão se será aberto a novas metas ou não

Agenda de ação



Criar uma moldura em torno do GST

Cada nova iniciativa estaria vinculada às decisões do Balanço Global. Pode se transformar em um plano de 5 anos para a agenda de ação



Transparência

As iniciativas coletivas terão que ser reportadas a uma plataforma da Convenção do Clima, a UNFCCC. Isso trará transparência aos avanços das alianças



TFFF

O Fundo Florestas Tropicais para Sempre que o governo brasileiro e outros países pretendem implementar em Belém poderá proteger florestas tropicais em todo mundo



Mercados de carbono

Iniciativa de se harmonizar os mercados de carbono já existentes em vários países e também de lançar princípios de taxonomia



Plataforma digital

Brasil e Índia lideram a discussão em torno de uma Digital Public Infrastructure para clima



Plataforma digital

Brasil e Índia lideram a discussão em torno de uma Digital Public Infrastructure para clima

Transição justa Este grupo de trabalho foi criado em 2022, na COP27. A busca agora é aprovar uma decisão, fazer uma menção política sobre o que é transição justa considerando princípios de equidade. Há também a discussão sobre qual será o arranjo institucional - talvez um mecanismo que auxilie os países em suas políticas de transição justa, algo que hoje em dia não existe.

Há um grande debate. O que quer dizer transição justa? Vai focar antes no tema de energia e em quem perde emprego, por exemplo? Vai olhar para o acesso à energia em países africanos?

Há tensões neste tópico. Uma delas é a discussão das medidas unilaterais (ações restritivas ao comércio que são medidas ambientais, como a taxa de carbono de fronteira, conhecida por CBAM, que a União Europeia iniciará em 2026), que foi inserida neste tópico. Outro ponto é se a transição justa fará ou não menção a combustíveis fósseis. E finalmente, a criação ou não desse mecanismo.

Textos na mesa Saímos das negociações de Bonn (a pré-COP em junho, na Alemanha) com quase 95% das negociações com textos. Estão com colchetes (o que identifica que falta consenso). Alguns são difíceis - não conseguimos, por exemplo, um texto sobre tecnologia. Há dois textos na mesa sobre o diálogo do GST (o conjunto de decisões feitas em Dubai, na COP28, conhecido como Balanço Global). Chegar a uma COP com textos, mesmo que com muito a negociar, já é bom.

Indicadores de adaptação É o que se chama de GGA, sigla para Global Goal on Adaptation, ou Objetivo Global de Adaptação. Nas COPs anteriores já foram acordados quais são os 11 temas em adaptação (abastecimento de água e saneamento; impactos na saúde; produção de alimentos; biodiversidade; infraestrutura; erradicação da pobreza). O que está em disputa na nossa COP é como iremos medir esses objetivos: quais são os indicadores. Serão cerca de cem. A discussão está em definir quais e se existirão indicadores relacionados a financiamento.

Balanço Global Há o diálogo do Global Stocktake, o GST, (processo previsto no Acordo de Paris para avaliar o progresso coletivo dos países e identificar lacunas; o primeiro aconteceu em Dubai, na COP28, e resultou em várias decisões, como triplicar energias renováveis e os países se afastarem dos combustíveis fósseis). O debate é: será só troca de experiências? Tem quem queira colocar novas metas no GST.

Agenda de ação Aqui podem existir várias entregas. A primeira seria criar uma moldura para colocar toda as iniciativas embaixo desta estrutura - que seria o Global Stocktake. Ou seja: como determinada iniciativa climática ajuda na implementação de algo já acordado. Vai ter um debate na COP se pode se transformar a agenda de ação em um plano de cinco anos.

Transparência A partir de agora, para estar na agenda de ação, as iniciativas terão que ser reportadas a uma plataforma da UNFCCC. As iniciativas são coletivas, individuais. Se as iniciativas forem reportadas, podemos trazer transparência ao processo.

Florestas e carbono O Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF, que o Brasil e outros querem implementar na COP30) é parte da agenda de ação. A harmonização dos mercados de carbono é outra iniciativa.

Plataformas digitais Brasil e Índia discutem uma infraestrutura de plataforma digital para clima. Outra iniciativa que deve ser anunciada é sobre combate ao fogo. Haverá outra sobre metano, outra plataforma pode antecipar desastres climáticos. Estamos construindo muitas, trazendo colegiados de países, empresas, sociedade civil, governos subnacionais para reportar na plataforma, e eles têm que justificar como é que isso está ajudando na implementação do Global Stocktake. A COP30, pela primeira vez, vai organizar a agenda de ação, monitorar e dar transparência para ações coletivas. Esses anúncios acontecerão nos dias temáticos da COP.

Outra lógica A agenda de ação nasceu na COP21, em Paris. O objetivo era fazer com

que governos subnacionais e empresas se interessassem pelas COPs. Passaram dez anos e muitos se interessaram. Só que a agenda de ação ficou fragmentada, não tem monitoramento, não sabemos como contribui para a descarbonização. Há dez anos não tínhamos o Global StockTake, agora temos - temos compromissos de triplicar renováveis, duplicar eficiência energética, distanciar-se dos combustíveis fósseis, acabar com o desmatamento. Queremos que as iniciativas se organizem nesse chapéu e justifiquem como ajudam a implementar o Balanço Global. É uma mudança de lógica.

Economia e clima Este é um ano em que os países fazem novas NDCs (os compromissos climáticos voluntários) e teremos o relatório-síntese da ONU (que avaliará os compromissos e estimará o aquecimento da temperatura a partir deles). Teremos o relatório do roadmap de US\$ 1,3 trilhão (elaborado pelos presidentes da COP30, André Corrêa do Lago, e da COP29, Mukhtar Babayev). O que acho que a nossa COP está trazendo de grande entrega é o casamento de economia com o combate à crise do clima.

Criamos o círculo de ministros da Fazenda, o conselho de notáveis economistas, temos o relatório do US\$ 1,3 trilhão. Estamos trazendo instrumentos econômicos como o TFFF. O que estamos mostrando é que, para além do que o sistema do Acordo de Paris consegue entregar, outras instituições fora dele, como o FMI, os bancos multilaterais, os bancos de desenvolvimento, têm que se alinhar aos instrumentos do Acordo de Paris.

Um exemplo: os bancos multilaterais estão usando ou não as NDCs dos países nos seus planejamentos? Esse alinhamento de finanças com clima é, para mim, a coisa mais interessante da nossa COP. No Brasil já temos o plano de transformação ecológica e a relação dos ministérios do Ambiente e da Fazenda. Fizemos o taskforce do clima no G20. Agora estamos buscando fazer este movimento virar global. A COP30 fará esse casamento entre clima e economia.

Multilateralismo São dez anos do Acordo de Paris e a gente percebe que todo o ciclo de políticas e mecanismos do acordo - as NDCs, os planos de adaptação, o primeiro Globo Stocktake - só um país resolveu sair - tudo isso demonstra que a engenhoca do Acordo de Paris está andando, está trazendo resultados. Só que, obviamente, não é suficiente ainda para estarmos alinhados com o limite de aquecimento de 1,5°C. Temos que olhar para o que essa máquina ainda precisa fazer para melhorar e o que o mundo de fora, as outras instituições, podem fazer para acelerar as ações. Não adianta nada ter NDCs, se os bancos multilaterais ou os bancos nacionais não as usarem nos seus planejamentos. Nossa COP representa a virada de só pensar no regime climático e olhar o quanto o regime começa a pautar políticas fora dele.

Esta é uma COP que olha para a frente. As NDCs são para 2035. Agora a gente tem o ciclo do Acordo de Paris e estamos muito melhor preparados a acelerar ações.

Mundo turbulento São nos momentos de tensão - e vivemos isso nos nossos momentos de tensão democrática no Brasil - quando se vê a importância da institucionalização e das engenhocas serem boas e sólidas. Apesar de o mundo estar em um momento péssimo, estamos vendo a fortaleza dessa institucionalidade que é o Acordo de Paris, que são as COPs. O que a gente está tentando trazer para a COP30 é isso: o fortalecimento do multilateralismo, mostrar que a COP traz benefício para as pessoas e que o regime climático precisa falar com as instituições fora dele.